

Horácio Lafer Piva  
Presidente da Bracelpa

## “O Brasil está patinando”

por Bruno Blecher

**O**EMPRESÁRIO que comandou por seis anos as poderosas instituições Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp-Ciesp) na Avenida Paulista hoje cuida de florestas. Industrial com formação em economia e administração de empresas, Horácio Lafer Piva divide hoje o seu tempo entre a Klabin e a Bracelpa (Associação Brasileira de Celulose e Papel), entidade que congrega 220 empresas em 17 estados do País e representa 4,5 milhões de hectares entre florestas plantadas e preservadas.

Em entrevista à *Agroanalysis*, Horácio confessou que é um sujeito urbano, mas revelou que tem um pézinho na roça, ao recordar as férias que passava na fazenda da família em Brotas (SP).

**AGROANALYSIS** O Brasil sempre deu as costas para o interior, privilegiando a sociedade urbana. Por que a agricultura brasileira ainda é vista como atrasada e retrógrada?

**HORÁCIO LAFER PIVA** Eu sou um sujeito urbano, mas com origem rural, porque eu passava as minhas férias em Brotas, no interior de São Paulo, onde a minha família tem uma fazenda de café. Mas, embora eu tenha experimentado na minha infância um pouco da vida da roça, eu sempre tive um olhar mais urbano. A agricultura, que tem uma grande capacidade de reivindicação, por várias vezes precisou da compreensão dos governos para a renegociação de suas dívidas, enquanto a indústria enfrentou condições mais adver-

sas para manter a sua atividade. Então, começou a se espalhar esse chavão de que a agricultura brasileira era atrasada, não se modernizava, porque de alguma forma contava com alguns benefícios. Eu acho isso mais preconceito que verdade. O agronegócio, na verdade, está se modernizando, ganhou uma gestão mais eficiente e já não precisa mais da ajuda do governo. Mas esse tipo de memória fica e leva um tempo para mudar.

**AGROANALYSIS** Não existe também um problema de falta de liderança? Há pouca renovação nas entidades que representam a agricultura e a pecuária.

**PIVA** Talvez sim, mas têm alguns segmentos da agricultura que são interes-

“Os produtores rurais precisam parar 10 minutos de cuidar do seu boi, da sua soja, para pensar na organização das suas entidades”



santes. Por exemplo, nós tivemos alguns presidentes da Sociedade Rural Brasileira muito criativos e organizados. O Luiz Hafers, o Roberto Rodrigues, entre outros. O Hafers, por exemplo, tem uma visão internacional e fala um inglês impecável. Eu não concordo com essa tese de que o agricultor brasileiro é um sujeito atrasado e mal preparado. É verdade que nas entidades ligadas a sindicatos existe uma dificuldade maior para a renovação.

**AGROANALYSIS** Como toda esta força do agronegócio, não era o caso do setor contar com um prédio do porte do da Fiesp na Avenida Paulista?

**PIVA** O que acontece é que talvez a indústria seja um pouco mais organizada do que a agricultura. O agronegócio ainda é muito fragmentado. Veja que existem segmentos da agroindústria que hoje estão mais ligados à Fiesp que à entidades do agronegócio. Mas a organização depende mais da base que da liderança. Eu sempre digo que as respostas para o Brasil dependem da mobilização da sociedade. O Brasil é um país ainda muito preso, a recorrência da vida brasileira tem sido uma dinâmica do curto prazo, a gente tem grande dificuldade de olhar para a frente. Nós somos uma sociedade muito complacente, uma sociedade mais comprometida com o evento que com o resultado, e o que acontece é que o Brasil fica patinando. Nós, inclusive, por sermos excessivamente complacentes, temos muita dificuldade de adquirir o equilíbrio para que as coisas avancem. Nós não submetemos o Estado à sociedade. Ao contrário, nós como sociedade estamos submetidos ao Estado. O País ainda está em busca de um projeto e, na minha opinião, boa parte disso passa pela mobilização da sociedade. Ou seja, os produtores rurais precisam parar 10 minutos de cuidar do seu boi, da sua soja, e pensar na organização das suas representações. Numa sociedade como a nossa, a organização faz muita diferença.



“Nós brasileiros não submetemos o Estado à sociedade. Ao contrário, como sociedade, estamos submetidos ao Estado”

**AGROANALYSIS** Uma das questões que mais prejudicam hoje a imagem do agricultor brasileiro, tanto aqui quanto no exterior, é o desmatamento da Amazônia.

**PIVA** Isso prejudica de todas as maneiras. Minha filha, Maria, que tem nove anos, fala de lixo reciclável com capacidade e naturalidade extraordinárias. Então, hoje você tem gente mais vigilante em relação às coisas que estão acontecendo. Essa questão do desmatamento pega muito mal para nós. É a destruição do nosso patrimônio. Como o Brasil está procurando se abrir para o resto do mundo, não só do ponto de vista comercial, mas também de organização da engenharia financeira, esse tipo de coisa nos remete a uma era medieval. Ninguém vai querer aportar recursos aqui, na medida em que nós não estamos conseguindo cuidar do básico.

**AGROANALYSIS** É preciso desmatar a Amazônia?

**PIVA** Acho que não. Podemos desenvolver projetos inteligentes de abertura de áreas, conciliando desenvolvimento com justiça social. O que falta, certamente, é consciência e fiscalização. Há muitos atrativos. Por exemplo, o preço da madeira. Há uma cadeia de interesses nessa exportação, mas, enfim, nós estamos tão acostumados com aquele monte de árvores que resolvemos tirar um pouquinho daqui e dali. E isso vai criando buracos. A discussão sobre desmatamento deve fazer parte da agenda de preocupação de todos os brasileiros.

**AGROANALYSIS** Quando a informática começou a ganhar terreno, muita gente dizia que o papel praticamente desaparecia, que os jornais impressos deixaram de existir. Mas até agora isso não aconteceu.

**PIVA** Não aconteceu mesmo. É capaz de acontecer para a geração da minha filha, um pouco na medida em que ela tem mais facilidade de ler na tela do computador que a minha geração. Provavelmente, no futuro, você vai desenvolver papéis que não serão exatamente papéis, mas serão conduzidos eletronicamente e vão gerar imagens. Hoje, ao lado de todo o computador você tem uma im-

pressora. Agora, o que acontece, provavelmente, é que esse papel vai passar por uma mudança de uso. Costumo dizer ao pessoal que, se tudo der errado, as indústrias brasileiras de papel e celulose podem se tornar grandes fornecedoras de energia. Nós estamos tentando quebrar a molécula da celulose, e vamos produzir, no futuro, energia com celulose. Mas, de qualquer maneira, está crescendo ainda o consumo de guardanapos de papel e de absorventes higiênicos, na medida em que você tem a entrada de camadas antes não favorecidas no mercado de consumo. Esse processo de distribuição de renda, que tem acontecido nos países em desenvolvimento, traz uma enorme massa de consumidores, que não passavam nem perto de alguns produtos que nós normalmente consumimos.

**AGROANALYSIS** O presidente Lula diz que a economia brasileira vai bem, obrigado, e que o cenário é perfeito. O senhor concorda?

**PIVA** Nunca é perfeito. Isso faz parte do teatro corporativo e institucional, que é uma prática da política brasileira. A conta está sendo cobrada, principalmente nos EUA. Eu fico preocupado com o excesso de otimismo do Brasil, de achar que nada vai afetar a sua economia. Claro que afeta. Talvez nem tanto quanto em outros países, inclusive porque o Brasil, em alguns sentidos, está muito melhor estruturalmente que esteve em outros anos. Além disso, o Brasil tem algumas coisas excepcionais, como as *commodities*. Agora, a economia brasileira é uma economia que saiu de um longo tempo de hospital, e precisamos tomar muito cuidado com isso. Nós temos a taxa de juros muito alta, uma demanda por consumo muito grande e uma coisa que nos come pelas pernas, que se chama câmbio. Câmbio e juros atrapalham, e muito, a nossa vida.

**AGROANALYSIS** Como andam as coisas para o setor de papel e celulose?

**PIVA** É um setor de investimento de longo prazo. Nós acabamos de fazer quase US\$ 2 milhões em investimento em um ano e meio. Estamos reavaliando qual é a rentabilidade sobre os investimentos que já fizemos e, obviamente, isso afeta a nossa decisão para daqui a dois a três anos. Encerramos 2007 com a produção de 11,9



“Esse tipo de coisa [desmatamento da Amazônia] nos remete a uma era medieval. Ninguém vai querer aportar recursos aqui”

milhões de toneladas de celulose. Um crescimento de 6,6% em relação a 2006. A produção de papel teve aumento de 2,8% em relação ao ano anterior. De acordo com os dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel, com a entrada em operação de novas máquinas e a maturação de vários projetos de expansão, as perspectivas para este ano são positivas. Devemos produzir 12,8 milhões de toneladas de celulose, com crescimento de 7,4% no período. Os fabricantes de papel produzirão 9,2 milhões de toneladas, volume 3,2% maior que o alcançado em 2007. As exportações totais do setor, que incluem celulose e papel, fecharam dezembro de 2007 com US\$ 4,7 bilhões (FOB), superando em 18% o total obtido em 2006. O mercado internacional permaneceu aquecido durante todo o ano e, mesmo com o câmbio desfavorável, os preços se sustentaram em patamares satisfatórios. Em 2007, os investimentos do setor somaram US\$ 1,9 bilhão em expansão de capacidade. Várias empresas têm planos para aumento de produção. O programa setorial de investimentos, que previa a aplicação de US\$ 14,4 bilhões no período de 2003 a 2012, deve ser superado. O setor tem contribuído para o desenvolvimento econômico e social na geração de renda, de tributos e de empregos. A indústria brasileira utiliza exclusivamente madeira de florestas plantadas, eucalipto e *pinus*, com 1,7 milhão de hectares de florestas plantadas em 11 estados e 394 municípios. Há 1,5 milhão de florestas nativas preservadas e cultivadas e 3 milhões de toneladas de papel reciclados anualmente. As empresas do setor recuperam e preservam 2,6 milhões de hectares de recursos florestais. O setor hoje é composto por 220 empresas localizadas em 450 municípios. Essas empresas em conjunto produzem 11,8 milhões de toneladas de celulose e quase 9 milhões de toneladas de papel ao ano. No *ranking* mundial, o Brasil hoje é o 7º maior produtor de celulose, sendo líder na produção de celulose de fibra curta, e o 11º na produção de papel. ■